



SE TEM RACISMO, NÃO TEM AGROECOLOGIA!

Nº 03 - Novembro 2022

Como um dos resultados das lutas seculares do povo negro no Brasil, novembro foi escolhido como momento de referência para expressar a força desse grupo social. Relembrando o assassinato do líder negro e quilombola Zumbi dos Palmares, no dia 20 de novembro de 1695, desde há algumas décadas, no mês de novembro são realizadas atividades que denunciam as estruturais violências e desigualdades raciais sofridas pelo povo negro, ao mesmo tempo em que celebram as resistências, o orgulho da identidade negra e outros caminhos construídos visando a superação do racismo e da construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Os movimentos negros e as negras e negros em movimento, como nos ensina a professora Nilma Lino Gomes, nos indagam a todas e todos, independentemente do nosso pertencimento racial, a reconhecermos onde guardamos o nosso racismo e caminharmos no sentido de produzir posturas e atitudes antirracistas.

Neste boletim apresentamos algumas ações do CTA-ZM junto de comunidades negras e quilombolas na Zona da Mata mineira. Seu conteúdo é resultado de diálogos que vem sendo realizados pelo CTA, motivados fortemente pelo movimento quilombola e por negras e negros com atuação na agroecologia que vem refletindo sobre o tema na região e em outros espaços de articulação do movimento agroecológico. O texto é uma elaboração mais detalhada do mapeamento (realizado pela equipe do CTA em setembro de 2022) das ações e atividades dos nossos Programas e Projetos com comunidades negras e quilombolas. Nosso intuito é seguir avançando no sentido de avaliar constantemente nossas ações, dialogando e fortalecendo as parcerias, em especial junto da Rede Sapoqui - Rede de Saberes dos Povos Quilombolas da Zona da Mata, potencializando as lutas do povo negro e quilombola e a agroecologia na região.



I Encontro de Mulheres Quilombolas de Viçosa e região na sede do CTA-ZM



Ciranda com as crianças do Encontro das Mulheres Quilombolas

**SEGUIMOS
JUNTES POR UMA
AGROECOLOGIA
ANTIRRACISTA E
SEM RACISMO!**



AÇÕES DO CTA JUNTO A COMUNIDADES NEGRAS E QUILOMBOLAS

PROGRAMA EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA

Projeto Curupira - Educação das relações étnico-raciais e a construção de uma sociedade mais igualitária

O Projeto Curupira atende 27 escolas, distribuídas em cinco municípios: Viçosa, Araponga, Divino, Acaiaca e Ervália. As atividades chegam a um público de mais de 5 mil crianças e adolescentes, em encontros periódicos que acontecem nestas escolas parceiras ou na sede do CTA-ZM. Algumas das escolas atendem estudantes de comunidades quilombolas, como em Acaiaca, Viçosa e Araponga. A questão racial, inserida nas temáticas que são trabalhadas anualmente, perpassa os diálogos levados até estudantes pertencentes à essas comunidades e todas as demais através de atividades lúdico-pedagógicas que focam na identidade, respeito e autoestima dos indivíduos. O trabalho de educação das relações étnico-raciais se dá também sob demanda das escolas, que solicitam intervenção ou apoio da equipe para algumas atividades específicas.

O trabalho com estudantes de comunidades rurais, filhos de agricultores/as e de comunidades quilombolas é entendido como de grande importância para a abertura de espaços de diálogo e reflexão destes atores sociais diretamente impactados pela temática racial e pelos seculares processos de exclusão

social no qual o Brasil se insere. Pensar com os estudantes na importância do trabalho destas famílias agricultoras, dos locais onde vivem, suas histórias de vida e tradições passadas através das gerações, trazem à tona reflexões não frequentemente postas e possibilidades de novos diálogos que valorizem suas origens, locais e modos de vida. É importante ressaltar que este é um diálogo não exclusivo à comunidade negra, mas à toda comunidade escolar, que convivem num mesmo espaço e lidam uns com os outros, incitando o respeito mútuo e a esperança de um convívio mais respeitoso e igualitário.



Atividade do Curupira na Escola Tico Tico, zona rural de Viçosa

Projeto Conviver - Capoeira e a afirmação da identidade negra

O Projeto Conviver, que atualmente trabalha em parceria com a Capoeira Angola Tribo do Morro, atende cerca de 60 crianças, em atividades desenvolvidas no Morro do Escorpião e na sede do CTA. As atividades realizadas semanalmente na sede atendem cerca de 13 crianças das comunidades do Buieie, Estação Velha e Violeira, além de atividades ocasionais que promovem o encontro destas com aquelas que frequentam as atividades regulares no Morro do Escorpião.



Aula de Capoeira Angola do Projeto Conviver

“Para nós do Projeto, que lutamos todos os dias contra o racismo, preconceito, discriminação, o mês da consciência negra é um marco de grande importância. Vivemos em uma sociedade

opressora que faz de tudo pra deixar nosso povo sem fé, desacreditado. O projeto tem metodologias específicas que trabalham durante o ano todo a questão da identidade. Neste contexto, a capoeira é um trabalho de caráter não somente esportivo, mas também filosófico, que traz um impacto superpositivo na vida dessas pessoas”, afirma Daniel Angoleiro, responsável pelas aulas de Capoeira Angola do Projeto Conviver.

Segundo relatos das comunidades atendidas, esse trabalho tem sido de grande valia em suas vidas e no dia a dia. O diálogo com estas crianças é constante nas vivências do Projeto, que enfatiza diariamente a importância do respeito mútuo, do autoconhecimento, assim como a discussão a respeito da consciência negra.

PROGRAMA MULHERES E AGROECOLOGIA

I Encontro de Mulheres Quilombolas de Viçosa e Região - “A gente faz é roça!”

Como parte das mobilizações para o I Encontro Nacional das Mulheres Negras, Indígenas e Quilombolas da Agroecologia, realizado em São Luís no Maranhão pelo GT de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), em junho de 2022, foi realizado no CTA o I Encontro de Mulheres Quilombolas de Viçosa e região. O encontro aconteceu nos dias 27 e 28 de maio de 2022 e foi organizado pela Rede Sapoqui com o apoio do CTA. Pela primeira vez, mulheres de sete quilombos da região (Buieié, Pau de Cedro, Nobres, São José do Triunfo, Rua Nova, município de Viçosa; Córrego do Meio, município de Paula Cândido; e Fátima, município de Ponte Nova) estiveram juntas em um encontro. Entre os temas debatidos estiveram a formação dos quilombos e sua presença histórica no Brasil como expressão da luta pela liberdade do povo negro, a ancestralidade negra e a afirmação dessa identidade, as práticas de cultivo do povo negro e quilombola e seus diálogos com a agroecologia. Realizados somente por mulheres, os debates trouxeram olhares específicos e, não raro, invisibilizados, sobre a história de opressões e resistências do povo negro e quilombola, suas formas de produzir e o lugar das mulheres nesses processos.

Em relação à agroecologia, as quilombolas trouxeram relevantes relatos sobre seus modos de produzir, demonstrando a existência de um conhecimento ancestral que segue existindo e resistindo em meio às fortes pressões sobre as mulheres

em uma sociedade marcada por desigualdades raciais, de classe e de gênero. Outro resultado importante desse encontro foi a elaboração da ideia de “roça” como prática de cultivo das quilombolas. “A gente faz é roça”, afirmaram as participantes, se posicionando, a partir desse lugar, como parte do movimento agroecológico. Além da relevância e significado para as próprias quilombolas, que puderam se conhecer e partilhar relatos de lutas, vivências, conhecimentos e refletir sobre a agroecologia, o encontro foi de grande importância para a agroecologia na região. Ouvir as mulheres quilombolas sobre suas realidades, sobre os desafios que vivenciam e seus modos de produzir, e aprender com essas mulheres é um passo fundamental na construção de uma agroecologia que acolha, efetivamente, a diversidade racial que marca nossa sociedade. O movimento agroecológico se fortalece na presença dessas mulheres.



Mulheres negras, indígenas e quilombolas de Viçosa e região também participaram do I Encontro Nacional que aconteceu em junho/22 em São Luís (MA), promovido pelo GT Mulheres da ANA.

Caderneta Agroecológica



A Caderneta Agroecológica é um instrumento criado para dar visibilidade às relações de produção para consumo, troca, doação e comercialização dos alimentos que são fruto do trabalho das mulheres. A sistematização das anotações das Cadernetas permite reconhecer o protagonismo das mulheres na manutenção e conservação dos agroecossistemas, o potencial produtivo das mulheres e de seus quintais, a importância das mulheres no que diz respeito à Segurança e Soberania Alimentar e, ainda, evidencia relações econômicas monetárias e não monetárias que garantem a geração de renda, além de fortalecer as relações de solidariedade e reciprocidade entre grupos e comunidades através das relações de doação e troca.

No ano de 2022 o Programa Mulheres e Agroecologia, a partir de reflexões construídas coletivamente, decidiu trabalhar com enfoque nas mulheres quilombolas em processo de auto reconhecimento. Das 65 mulheres que anotam nas cadernetas agroecológicas, 42 são quilombolas. As anotações têm permitido mobilizações e reflexões sobre os modos de produção quilombola, reflexão sobre as identidades socioculturais e trocas entre as mulheres de diferentes comunidades.

PROGRAMA SOCIOBIODIVERSIDADE

Pautas Quilombolas no âmbito do Polo Agroecológico

A região da Zona da Mata mineira foi instituída como Polo Agroecológico e de Produção Orgânica da Zona da Mata através da lei 23.207/2018, reconhecendo a forte presença local da Rede de Agroecologia existente há mais de 30 anos e objetivando incentivar o fortalecimento da Agroecologia e da Produção orgânica na região.

Em 2019, as entidades da região se mobilizaram para iniciar espaços de diálogo entre as diversas organizações do campo agroecológico, incluindo representantes da Frente Parlamentar em Defesa da Agroecologia, Agricultura Familiar e Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Esse diálogo foi intensificado a partir de 2020, a fim de se construir uma proposta popular do plano para a política do Polo, inspirada no processo de elaboração do Plano Nacional de Agroecologia. Nesse espaço, tecemos um rico processo de aprendizagem sobre diversos temas ligados à Agroecologia (como terra e território, produção, cultura popular, saúde e práticas tradicionais, entre outros) e afinamos nossas lutas, objetivos e projetos para a região. Mesmo com as dificuldades da pandemia, conseguimos estabelecer debates virtuais com temáticas específicas que deram visibilidade a lutas e sujeitos, como as comunidades quilombolas. Essas reuniões também possibilitaram articulações, propostas e ações de incidência política.

As reuniões com temática específica quilombola foram construídas e realizadas pela Rede Sapoqui, com o apoio do CTA-ZM e tiveram o objetivo de visibilizar a diversidade de

comunidades quilombolas da região e também de aproximar o movimento quilombola do movimento agroecológico e da agricultura familiar. Mesmo entendendo que as comunidades negras rurais sempre foram locais de resistência, de práticas e saberes tradicionais da agricultura, de práticas de saúde popular e de comida tradicional, estas comunidades estiveram marginalizadas na nossa sociedade, sofrendo processos de exclusão social, territorial e política.

Em um primeiro momento debatemos sobre os diversos desafios enfrentados pelas comunidades como: ampliar a certificação quilombola na região, garantir o acesso aos direitos e políticas públicas (DAP quilombola, Pnae, PAA, etc.), conflitos territoriais, uso de agrotóxicos, formações sobre identidade e direitos nas comunidades, produção e comercialização agroecológica, entre outros. Em outra oportunidade, focamos no tema da comercialização no âmbito agroecológico, trazendo o relato de experiências e estratégias de algumas comunidades quilombolas de diferentes regiões do estado de Minas Gerais. Esse espaço teve o intuito de aprofundarmos possibilidades para garantir o escoamento da produção agroecológica dos quilombos e debatermos sobre a comida, a qualidade dos alimentos e o consumo como ato político. Essas reuniões foram de suma importância, pois possibilitaram uma melhor compreensão sobre a realidade quilombola na região, com seus desafios e potencialidades, além de gerar oportunidades de articulação e incidência da Rede Sapoqui.

Projeto Água Limpa: famílias tradicionais e quilombolas preservando o meio ambiente em Acaiaca (EFAP e CTA-ZM)

O município de Acaiaca possui uma população rural formada majoritariamente por negras e negros, vivendo em comunidades com características de comunidades quilombolas. São agricultoras e agricultores tradicionais com uma forte ligação cultural com a terra e a comunidade a que pertencem, e que preservam sua cultura e conhecimento ancestral. A Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) tem sido uma importante referência na região no que tange a identificação e valorização dos saberes e práticas de comunidades negras e quilombolas.

É neste contexto que, juntamente com a EFAP, o CTA-ZM vem desenvolvendo um trabalho de caráter ambiental e social desde 2021, visando a melhoria da qualidade e quantidade das águas da região. O projeto, financiado pela Furnas Eletrobrás, prevê a implantação de fossas biodigestoras para tratamento do esgoto doméstico das comunidades rurais do município, além de promover a proteção de suas nascentes de água e o plantio de árvores nativas ameaçadas de extinção, e ainda conta com atividades de promoção da agroecologia, como intercâmbios e oficinas. As atividades são realizadas conjuntamente com as comunidades, que contribuem por meio de mutirões e participam das oficinas, intercâmbios e outros espaços de formação, fortalecendo o movimento agroecológico e, ao mesmo tempo, promovendo as melhorias necessárias a estas comunidades.



Projeto Água Limpa, Acaiaca-MG

Apoio técnico na produção e comercialização

O Programa Sociobiodiversidade também realiza atividades de comercialização envolvendo comunidades quilombolas. Durante os anos de 2021 e 2022 realizamos a compra de alimentos produzidos em comunidades quilombolas (Buieié, Pau de Cedro e Nobres) para serem distribuídos na Campanha Periferia Viva, em Viçosa, através dos kits de alimentos e material de higiene. Além disso, apoiamos a Feira da Agricultura Familiar Quilombola do Buieié e realizamos algumas oficinas ligadas à produção como o manejo de quintais; uso das cadernetas agroecológicas; produção de E.M. e composto orgânico; e ainda apoiamos os processos de planejamento das atividades.

OUTRAS ATIVIDADES

De forma mais pontual, também conseguimos apoiar processos junto da Rede Sapoqui, como nas ações de formação no Quilombo Bom Jardim, em Visconde do Rio Branco; no Encontro de Comunidades Quilombolas, na Feira Quilombola do Buieié; e no fortalecimento de comunidades, como Pau de Cedro e Vila Brás (Córrego dos Nobres) em Viçosa, que estão em processo de autorreconhecimento, com formações sobre agroecologia.



Atividade de Formação junto com a Rede Sapoqui no Quilombo Bom Jardim

NOSSA PROSA

Nossa Prosa

Durante o isolamento social da pandemia, buscando continuar o diálogo e a construção coletiva do conhecimento junto com as companheiras e companheiros da região, o CTA produziu dezenas de episódios de podcasts abordando temas relacionados à agroecologia. Entre as pessoas convidadas para participar de todos os episódios, grande parte era de mulheres negras e quilombolas. Além disso, alguns dos episódios abordaram questões específicas como comunidades quilombolas na pandemia, titulação e certificação quilombola, educação antirracista, mulheres negras na agroecologia etc.

PROSINHA

Prosinha foi a série de 10 podcasts, com uma linguagem mais lúdica e voltada para o público infantil, que trazia histórias que poderiam ser dialogadas com toda a família. A grande maioria dos episódios trazia uma mensagem antirracista.

Prosinha

PARA SEGUIR ADIANTE...

A partir do mapeamento das ações e dos diálogos sobre a pauta racial e quilombola em curso no CTA, estabelecidos principalmente em parceria com a Rede Sapoqui, compreendemos que houve um avanço dos trabalhos relacionados à Agroecologia junto das comunidades negras e quilombolas, tanto em sua dimensão prática (atividades de produção, comercialização, recuperação ambiental, tecnologias sociais etc.), como na dimensão simbólica-ideológica (arte e educação, cultura, identidade, política).

Contudo, sabemos que há um longo caminho a seguir na desconstrução do racismo e na visibilização e valorização do povo negro e quilombola. Nesse caminho necessitamos ampliar e qualificar ainda mais nossas compreensões e nossas ações sobre as manifestações das desigualdades nas relações étnico-raciais e nas estratégias de como incidirmos sobre elas no campo agroecológico e, mais especificamente, nas nossas ações na Zona da Mata mineira.

Seguimos em diálogo e em movimento, na construção de relações antirracistas e visando o fortalecimento do povo negro e da agroecologia na região.

se tem
RACISMO,
não tem
AGROECOLOGIA



  @ctazm |  (31)3892-2000 | www.ctazm.org.br

REALIZAÇÃO:

Texto: Bela Pasini, Alessandra Bernardes, Daniel Nocera, Daniel Angoleiro, Flávia Santos, Daniel Neves, Roberta Cardoso

Apoio: Carina Veridiano, Julius Keniata, Cleonilde (Nina) Alves | **Revisão:** Wanessa Marinho, Gabriel Fernandes

Produção Editorial: Wanessa Marinho | **Fotografia:** Acervo CTA-ZM | **Arte gráfica e diagramação:** Rodrigo da Silva Teixeira

Ilustrações decorativas: <http://br.freepik.com/>

PARCEIROS:



GT
Mulheres
da ANA



APOIO:

Brot
für die Welt

act:onaid